



QUANDO O JOGO SE CONSOLIDA EM ESTRUTURAS MACHISTAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE UMA CULTURA OPRESSORA¹

Iana Queiroz Silva²

Introdução

A virtude de um homem de qualidade consiste numa série de propriedades que o tornam capaz de lutar e de comandar. Entre estas ocupam um lugar eminente a generosidade, a sabedoria e a justiça. É perfeitamente natural que em muitas línguas a palavra que designa a virtude derive da idéia de masculinidade ou "virilidade", como por exemplo no latim *virtus*, que durante muito tempo conservou seu sentido de "coragem" — até ao momento em que o pensamento cristão se tornou predominante. (HUIZINGA, 2000. p. 49).

A citação que abre esse texto faz parte da ideia de Johan Huizinga (2000) que toma o homem como *Homo Ludens* antes de ser *Homo Sapiens* - o caráter lúdico precede a racionalidade e as instituições humanas. Para o autor, o que torna o ser humano homem são as suas relações interpessoais, por meio das quais desenvolve teias de percepção de si e do outro e, para além de ser indivíduo, o homem é um ser lúdico que tem engendrado em sua natureza o jogo.

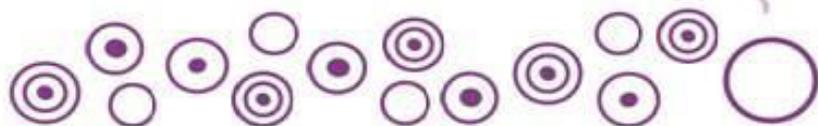
A ideia de jogo em Huizinga (2000) relaciona-se com competição para elevar o indivíduo e/ou um grupo e tem capacidade criadora de cultura, porque permite desenvolver aspectos e aspirações idiossincráticas do ser humano – a aspiração da honra, glória, dignidade, superioridade – interligados e desenvolvidos por meio de suas necessidades de ritmo, harmonia, mudança, alternância, contraste e clímax. (HUIZINGA, 2000).

Desse modo, o *homo ludens* apresenta como virtude sua capacidade de lutar e comandar. Esta capacidade diz respeito a propriedades como a generosidade, a sabedoria e a justiça. A virtude é um desses aspectos que Huizinga aponta como constitutivo do que é almejado pelo sujeito para se tornar algo além.

A noção de virtude, para ele, estaria então atrelada ao masculino, à virilidade, a ideia de coragem. Um dos aspectos que permite o grupo ou um sujeito se elevar e competir, desenvolve-se conjuntamente com a ideia de construção do ser humano – masculino – e a

¹ Trabalho realizado no âmbito da disciplina Estudos da Contemporaneidade I, ministrada pelo Prof. Dr. Leonardo Vicenzo Boccia, no Bacharelado Interdisciplinar em Artes, Universidade Federal da Bahia, segundo semestre de 2017.

² Estudante de Graduação do Bacharelado Interdisciplinar em Artes, Universidade Federal da Bahia, ianaqueiroz@hotmail.com.





nobreza do ser. Então, à medida que a virtude vai galgando outros conteúdos, no nível ético e religioso, suas qualidades e sua ideia de virilidade moldam-se na ideia homem; deixa de ser propriedade possível de ser atribuída a homem e mulher; se estabelece o binarismo, e vai se constituindo e construindo relações hierárquicas entre os ganhadores do jogo – os homens, modelo de virtude – e, os seus perdedores – as mulheres. A competição e o jogo, seu elemento lúdico, têm como resultado a formação de uma cultura estruturada na opressão das mulheres.

Se o jogo é originalmente um fator da formação de cultura (HUIZINGA, 2000), a forma como ele foi sendo jogado é um fator no desenvolvimento do machismo. Assim, a mulher tem desapropriado de si a masculinidade, que agora pertence ao homem. Mulher e homem são construídos em torno do par masculinidade/feminilidade que não se encontram, e, por isso não podem igualmente competir. Ultrapassado a competição, os aspectos violentos do *agon* permanecem como punição à derrota.

Arendt (2002) discute como a violência cerceia a liberdade, e a capacidade de fala, e impõe o argumento e a doutrinação da superioridade masculina que violenta tudo o que foge a esse espectro. A violência que ultrapassa o que era jogo, que torna-se instrumento para subjugar o feminino, é a mesma violência que, segundo Arendt (2002), que nos regimes totalitários calam e oprimem uma sociedade e os seus indivíduos.

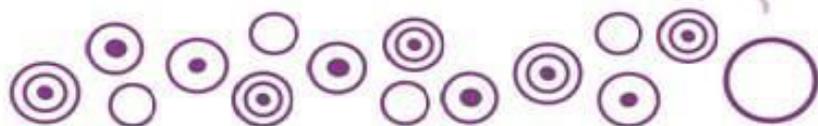
Assim, construiu-se, na história, uma ideia de feminino como inferior, fraco, menor; negou-se ao homem a sua parcela do feminino; utilizou-se da violência para dominá-las.

Um processo que fez preponderar uma lógica e prioridades de um grupo sobre outro; em que o bem-estar comum e social passa ao segundo plano para dar lugar a soberania masculina, impedindo a interlocução e tornando a violência como opção viável. Assim, a das mulheres passou a ser aceitável (ARENDR, 2002).

O modelo de história, como propõe Friedrich Nietzsche (2003), que utilizou dos processos, aspectos, e, da história em si, como objeto e modelo moral. Um modelo que tem o olhar preso ao passado que preserva, aspira e que mantém estruturas excludentes e tiranas constituindo a teia do machismo.

Por meio da história e cultura, o homem transforma o presente – que nada mais é do que um ponto entre passado e futuro – numa negação de sua força plástica e capacidade de transformação (NIETZSCHE, 2003) mantendo o machismo.

Por fim, a ideia de virtude como resultado do processo de não superação histórica, de um olhar antiquário da história, mascara o jogo entre o masculino e feminino, em como a sociedade é modelada por uma cultura de opressão, violenta, hierárquica e binária.





Ao se negar a pluralidade e individualidade como constitutivas da condição humana (ARENDT, 2001), a maleabilidade e possibilidade de mutação do ser humano (NIETZSCHE, 2003), o homem nega a si e aos outros o direito de ser. A necessidade de uma história crítica e uma visão plural do indivíduo se faz necessária para, verdadeiramente, se estabelecer o bem-estar comum em sociedade. Isso somente se poderá alcançar quando conseguirmos nos livrar do peso do passado tirano, que julga e condena, e quando superarmos o pensamento hierárquico que modela, a bel interesse de um grupo – o que tornará possível a felicidade.

Referências

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**. Trad. Helena Martins et al. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva S/A, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

